ASOCIACIÓN ESPAÑOLA PARA EL PROGRESO DE LAS CIENCIAS

XVI CONGRESO

CELEBRADO EN

ZARAGOZA

DURANTE LOS DÍAS 15 AL 21 DE DICIEMBRE DE 1940

DISCURSOS INAUGURALES DEL CONGRESO Y DE SUS SECCIONES Y VARIOS TRABAJOS DE ÉSTAS

DOMICILIO SOCIAL:
VALVERDE, 24 - TELÉF. 12529
MADRID

ANALES DE LA ASOCIACIÓN ESPAÑOLA PARA EL PROGRESO DE

LAS CIENCIAS

Revista trimestral.

REDACTOR JEFE: ILMO. SR. D. JOSÉ MARÍA TORROJA

Secretario general de la Asociación.

Redacción y Administración:

Academia de Ciencias Exactas, Valverde, 24, Madrid. Teléfono 12529.

Precio de suscripción anual: España, Portugal y América, 30 pesetas.

Restantes países: 40 pesetas — Número suelto: ocho pesetas.

NOTA.—Los autores de artículos publicados en esta Revista recibirán gratis, si lo han solicitado previamente, cincuenta ejemplares de tirada aparte; los que deseen mayor número, abonarán el exceso a precio de coste.

En la Sección Bibliográfica correspondiente se dará cuenta de las obras de que, al efecto, se nos envíen dos ejemplares.

ASOCIACIÓN ESPAÑOLA PARA
EL PROGRESO DE LAS CIENCIAS

XVI CONGRESO

ZARAGOZA

1940

ASOCIACIÓN ESPAÑOLA PARA EL PROGRESO DE LAS CIENCIAS

XVI CONGRESO

CELEBRADO EN

ZARAGOZA

DURANTE LOS DÍAS 15 AL 21 DE DICIEMBRE DE 1940

DISCURSOS INAUGURALES DEL CONGRESO Y DE SUS SECCIONES Y VARIOS TRABAJOS DE ÉSTAS

DOMICILIO SOCIAL:
VALVERDE, 24 - TELÉF. 12529
MADRID

Al recoger en este tomo opiniones y criterios contradictorios del pensamiento humano, respondemos al deseo de difusión de ideas, pero sin reflejar por nuestra parte doctrina alguna, dada nuestra absoluta objetividad como Asociación.

(N. de la R.)

Imprenta Aldecoa. — Burgos

1.687

ÍNDICE

Págs.

Págs.

Sección quinta: Ciencias Sociales

Sección sexta: Teología y Filosofía

Sección séptima: Historia y Filología

Sección octava: Medicina y Cirugía

Sección novena: Ingeniería y Arquitectura

DUALIDADE DE NAÇOES. — IMPERATIVO COMUM

Conferência proferida em reüniao plenária do Congreso luso-espanhol para o Progreso das Ciências, pelo enviado especial do Govêrno Português, Profesor Catedrático da Faculdade de Farmácia da Universidade do Pôrto, DOUTOR ARTUR MARQUES DE CARVALHO

EXCMO. SR. ALFONSO PEÑA, MINISTRO DO CAUDILHO DE ESPANHA,

EXCMO. SR. DR. TEOTÓNIO PEREIRA, EMBAIXADOR DE PORTUGAL,

EXCMO. SR. VISCONDE DE EZA, PRESIDENTE DO CONGRESSO,

EXCMOS. ALCAIDE E GOVERNADOR CIVIL DE SARAGOÇA,

SENHOR REITOR DA UNIVERSIDADE,

SENHORES CONGRESSISTAS:

Permitam VV. EE. que, nao só na minha vida de Universitário, mas tambén na de modesto colaborador político do Estado Novo Português, eu marque com uma pedra branca êste dia em que me é permitido falar, em nome do meu país, no seio da Ciência Espanhola e nesta nobre cidade de Saragoça princesa e raínha do Ebro, êsse curso de água que em suas virtualidades defensivas é bem o bastiao sagrado de Espanha.

Seja-me ainda permitido deixar de aludir aos meus poucos méritos, porque há momentos em que a funçao é de tal forma que nos transcende:—deixa em segundo plano as qualidades dos que a servem e aparece por si própria, em total grandeza.

Um Congreso luso-espanhol para o progresso das Ciências é um acto de fraterna troca de estímulos, duma colaboraçao de espíritos que assume à luz dos tempos de hoje tôda a altura, a própria plenitude do seu significado. Nenhuma colaboraçao no mundo—seja qual for o campo em que se exerça—pode ser mais imperativa do que a que se efective en-

tre Portugal e Espanha, pois é a História, nas suas determinantes profundas, que assinala o carácter dêsses dois povos, eleitos para cumprir, pela dualidade de naçoes, um mandato comum.

Colaboraçao no combate ao crescente mourisco, na reconquista da Península para Cristo; colaboraçao na defeza da unidade religiosa em face da reforma luterana; colaboraçao na epopeia dos descobrimentos; colaboraçao na sementeira de novas naçoes e na evangelizaçao de novos mundos; colaboraçao na luta contra o marxismo e contra o comunismo destruïdor do conceito cristao da vida.

Navas de Tolosa—Salado—"Viriatos", soldados de Franco—três fases culminantes, pela amálgama sagrada do sangue, dessa colaboraçao fraterna!

O jeito, o sêlo indestrutível do esfôrço comum dos dois povos predestinados, plasmou todo o mundo moderno:—foi fecundo sempre que soubera desdobrar-se em actuaçoes complementares; foi estéril sempre que se negara a si mesmo por interferências, ou por absorçoes, inteiramente fora da linha providencial que lhes havia sido assinalada. Trabalho uno pela dualidade de Naçoes, diferenciadas, estruturalmente independentes, para que, assim, trabalhando cada uma pelo seu lado, melhor e mais amplamente executassem o mandato que às duas havia sido imposto: guardas da Fé, da cultura e da civilizaçao ocidental, missionárias e difundidoras da luz do Evangelho na treva densa dos mundos ignotos!

Na tese luminosa de António Sardinha, em Aljubarrota e no Toro, alternando-se os vencedores e os vencidos, *venceu sempre* a Península e o imperativo da dualidade de naçoes na consecuçao dos seus objectivos históricos. Por um lado, assegurou Deus—por uma das naçoes— a funçao dominantemente atlântica da Península, e—pela outra—a funçao predominantemente mediterrânea, pois a reflexao serena nos diz que ambas as funçoes se teriam malogrado com diferentes resultados daquelas batalhas. No sentido alto das coisas, considerando as naçoes ao serviço de imperativos superiores aos espólios de guerra e aos proventos das pilhagens, há que concluir que os dois povos—como elementos autónomos da unidade peninsular—venceram em ambas aquelas batalhas, sendo, para cada um, a derrota numa delas a linha *torta* por onde Deus, como sempre, escrevera *direito* no comando supremo dos nossos destinos. Foi possivel assim a Vázquez de Mella sentir-se com mais afecto pelo povo irmao em frente à renda gótica da Batalha. É que descançam nesse mosteiro os restos mortais do vencedor de Aviz e do vencido de Toro, como se aquêle poema de pedra fôsse levantado, mais do que

à discórdia efémera entre Castela e Portugal, a uma unidade superior às duas Naçoes.

A bula papal que dividiu o mundo por Espanha e Portugal, era ainda para unir que dividia:—para unir no serviço de Deus e na difusao da Fé. E o próprio abraço ao Mundo todo—às duas metades resultantes do Convénio de Tordesilhas—viria também a ser dado pelas duas pátrias, pois foi com caravelas de Castela que o português Fernao de Magalhaes preparara, organizara, dirigira o periplo à Terra, que, depois, a Sebastiao Delcano caberia concluir.

Linhas paralelas as dos destinos dos dois povos peninsulares, sacro paralelismo de que brotaram naçoes, paralelismo ecuménico, que vincou no mundo um tipo de civilizaço e de cultura e que deu à Espanha e a Portugal a característica incontrastável de povos *maiores*, realidades vivas no Espaço e no Tempo! Somos naçoes de séculos, nao surgidas dos azares de ocupaçoes ilícitas ou domínios opressivos sôbre povos corrompidos, mas da sedimentaçao gradual e continua de esfôrço, de trabalho e de serviços ao Mundo.

O demo-liberalismo político trouxe certa incompreensao entre os dois povos ao destruir, em cada um, a sua integraçao num conteúdo específico, para criar o *cidadao*, figura de série, abstracta, que agindo desligada inteiramente de quaisquer das três dimensoes eternas—passado, presente e futuro—nao tivera as conseqüentes limitaçoes éticas ao uso do ódio, das rivalidades, da inveja ou da cobiça. O próprio sentimento da *fidalguia*, qualificativo psíquico de criaçao peninsular e marca indelével do seu tipo de civilizaçao, se havia diluído na vaga de um individualismo atomizante.

Portugal renovado de Salazar e a Espanha Nova do Caudilho—porque sao reintegraçoes dos países em si mesmos, nas suas virtudes intrínsecas, na catolicidade da sua formaçao, nas glórias dos seus patrimónios nacionais, no orgulho legítimo dos seus serviços à Humanidade—nao podiam deixar de cimentar um período de compreensao esclarecida e de amizade fraterna que é, hoje, no plano internacional, uma das realidades mais fortes.

Logo nos primeiros momentos da gesta magnífica dos soldados de Franco, a idiosincrasia rácica—com genial clarividência interpretada por Salazar—impôs a actuaçao portuguesa e definiu-lhe a atitude. Houve que lutar com poderosas incompreensoes e vencer daltonismo de visao para que, mais uma vez, em ordem à Civilizaçao ocidental se viesse a realizar obra *una* pela dualidade de naçoes.

Os oito séculos de História que Portugal acaba de solenizar, tiveram

a valorizar os seus actos comemorativos, e a dar-lhes transcendente significado, a presença perene—tao carinhosa!—da Espanha—irma nobilíssima e companheira de aventura e de glória—e do Brasil, a melhor creaçao portuguesa e o seu prolongamento rácico de Além Atlântico, dêsse Brasil que nao é só a maior naçao da América do Sul, mas é tambén, por si mesmo, a afirmaçao plena do carácter da colonizaçao peninsular, sempre em ordem á creaçao de Naçoes, para além da mera exploraçao comercial de povos em menor-idade. A divisao em Capitanias que D. Joao III estabeleceu para aquêle inmenso território, foi tam perfeita, tam reveladora do génio administrativo português, que ainda hoje, com diferenças mínimas, cada uma delas corresponde a cada um dos estados da grande Federaçao brasileira. E de tal maneira o seu govêrno se exerceu, que ao dar-se a separaçao,—ao transformar-se em Estado autónomo, — caminhou por si, sem desagregaçoes, uno em sua imensidade e com un fundo étnico que resistiu—na língua, na religiao, no sentimento, no sêr psíquico, na alma—às mil e uma influências de quási todos os povos que para lá foram desbordando os seus excedentes demográficos. Os oito séculos de história de Portugal sao, assim, também, oito séculos de história do Brasil, como a história da Espanha e a historia das outras rèpúblicas do centro e da Sul-América, e a história de Espanha e de Portugal, juntas, sao a história de tôda a América latina—essa realidade esplendorosa que atesta como, por sôbre o infinito glauco das águas atlânticas, a Península, nao só soubera, com o seu génio, desdobrar-se e prolongar-se, mas tambén, como o pelicano simbólico, arrancara do peito o sangue que plasmaria, fecundo e criador, novos povos e daria estrutura rácica a novas Naçoes.

Sagrada, pois, a participaçao efectiva que o govêrno do Caudilho quís tomar na maravilhosa Exposiçao do Mundo português—erguida na foz do Tejo, o rio das ninfas do Poeta e cujas águas a Espanha dá a Portugal para que êle permanentemente, como oferenda peninsular, as entregue ao Atlântico: antes dos nossos navegadores terminado no cabo Bojador e por nós ampliado até ao Cabo Boa Esperança e até ao estreito de Magalhaes—participaçao que ficará como acto de meridiano entendimento entre os dois povos, além de que, nesta hora perturbada de confusionismos étnicos, foi, por si mesma, um traço de luz no drama trágico dum mundo em armas.

E pela forma que revestiu, enviando-se aos Jerónimos uma galeria surpeendente de recordaçoes portuguesas em Espanha, teve-se a objectivaçao—eternizante pela Arte—de figuras e de símbolos que serao, no tempo, exponenciais e balizas duma história comum.

Entre essas recordaçoes iam algumas telas com a figura magnífica da lindíssima Isabel de Portugal. Filha de Manuel I, Rei de Portugal e dos Algarves, dAquém e dAlém Mar em África, Senhor da Guiné, da Conquista, da Navegaçao e do Comércio da Etiópia, da Arábia, da Pérsia e da Índia, casou com Carlos I de Espanha, que foi o Imperador Carlos V da Alemanha, Chefe da Casa de Áustria, rei da Sardenha, de Nápoles, da Scicília, Senhor dos Países Baixos, do Milanês, do Luxemburgo e do Artois. Para a ligaçao ser mais perfeita e ultrapassar um vínculo matrimonial, um irmao da Imperatriz iria, em nome do Rei de Portugal, seu Pai, completá-la com as armas: o Infante D. Luis que combateria os infiéis em Túnis ao lado de Carlos V. Cabeça da Europa—pela Espanha—Senhora do Além-mar—por Portugal—era bem a Península, pelas duas Naçoes, a cabeça do Mundo!

Aquêle matrimónio, fôra qualquer coisa mais do que a dádiva ao trono de Espanha da mais linda mulher do seu tempo: — constituira o zenite no comando do mundo por condomínio peninsular.

Morreu sôbre o Tejo, a Imperatriz Isabel; sôbre o Tejo que lhe levou, em argênteo fio de água, os soluços derradeiros à sua Lisboa, Ao murchar, essa flor de Portugal, no Palácio de Fuensalida—por entre as lágrimas de todo o povo de Toledo e os salmos fúnebres de todos os padres de Espanha—pôde ainda, por desígnio de Deus, a sua morte ser creadora, pois viria a transformar—por meditaçao profunda na fragilidade da beleza terrena—o nobre Marquês de Lombay e Duque de Gandia, no religioso que—por sua oferta total ao serviço da *beleza que nao morre*—viria a ser canonizado; no jesuíta que assistiria à morte, e a confessaria em sua lucidez derradeira, de Joana a Louca—a mae do Imperador—; no justo que é, no friso eterno da bemaventurança, San Francisco de Borja.

Linda Isabel de Portugal, dívida que nós portugueses pagámos, à Espanha, por aquela outra Isabel de Aragao que fai a nossa raínha Santa. Partira daqui, de terras de Saragoça, para casar com o neto de Afonso Sábio de Castela — o Rei Denis de Portugal, que, porque era Poeta e Lavrador, mais do que nunca a tornara Raínha do que, quando, como Santa, transformara, por miraculosa alquimia, rosas em pao!

Permuta de raínhas, permuta de santos, permuta de artistas, permuta de sábios — sempre os dois viveiros, em disputa creadora, a tecer, a servir a super-unidade do pensamento, do espírito e da alma peninsular!

Mas, Excmos. Senhores, onde a colaboraçao espano-portuguesa atingiu maior projecçao, no ponto de vista do espírito e do pensamento

europeu, foi sem dúvida no Concílio de Trento, reünido naquela pequena cidade do Tirol para definir as verdades religiosas atacadas pelo cisma protestante e para reformar a disciplina eclesiástica—base primeira da disciplina social. Ali, os teólogos e doutores portugueses e espanhóis, mais que ninguém, forjaram as armas da verdade para que a Península fôsse defendida do êrro funesto. D. Martin Pérez de Ayala, o canonista António Agustín, o bispo de Salamanca D. Pedro González de Mendoza, os jesuítas Alfonso Salmerón, Francisco de Torres e Diego Laínez, o escritor domínico Melchor Cano, o filósofo aristotélico Cardillo de Villalpando, Pedro de Fontiduenas e os embaixadores Vargas e D. Diego de Mendoza—do lado espanhol; Frei Diogo de Azambuja, Frei Gaspar dos Reis, professor da Universidade de Paris, Frei Baltazar Limpo, Bispo do Pôrto—a quem Paulo III solicitou que ficasse em Roma e a quem chamou *rara avis*—o grande arcebispo de Braga Frei Bartolomeu dos Mártires, o Bispo de Coimbra Frei Joao Soares, o Frei Francisco Foreiro—a quem eram igualmente familiares o Latim, o Grego, o Hebraico e o Siríaco—e o Doutor Diogo Paiva de Andrade, secretário geral do Concilio—do lado português, além de tantos outros, foram o pensamento esclarecido, a ciência do dogma, os guardas da disciplina, os arautos da Fé e os garantidores seguros da unidade religiosa da Península.

Para firmar definitivamente esta unidade, e para estender a tôda a Europa a defeza de verdade católica—combatendo o luteranismo com a tríplice arma de prègaçao, da confissao e do ensino—e, ainda, para a evangelizaçao das terras recém-descobertas, funda-se a milícia Inaciana, a mais poderosa fôrça contra a Reforma, que, de heresia nórdica, era já movimento político.

Estamos justamente num ano centenário da Companhia de Jesus, pois a bula de confirmaçao do Papa Paulo III é de 1540, completando-se assim 4 séculos sôbre o momento em que aquêle predestinado fidalgo vasco—a personificaçao mais viva do espírito espanhol na sua idade de ouro, no dizer lapidar de Menéndez y Pelayo—logrou ver sanccionado o seu exército, aquêle exército de cujas fileiras viria a sair, um século depois, um dos maiores espíritos portugueses de todos os tempos, filósofo, teólogo, missionário, político, sociólogo e diplomata: — o Padre António Vieira.

Dentre os professores espanhóis que ilustraram cátedras portuguesas, além de Frei Luís de Granada, clássico nas duas línguas e professor na côrte, dominam a grande altura o Padre Luís de Molina, em Évora, e o P.e Francisco Suarez—*doctor eximius*—em Coimbra, que ali, nas

Universidades de Portugal, levaram o ensino ao mais alto nível universitário do seu tempo.

Dentre os intelectuais portugueses que foram escolares em Espanha destaca-se Garcia da Horta, que estudou Medicina em Salamanca e Alcalá. Depois de ensinar na Universidade, seguiu para a Índia como Físico-mór, e lá—pondo de parte as mil fábulas de Plínio e Heródoto, no dizer dum biógrafo—inaugurou novos métodos no estudo das Ciências Naturais e escreveu os célebres *Colóquios dos Simples e Drogas*, repositório inexaurível de conhecimentos colhidos na observaçao inteligente das coisas de natureza.

Quando Frei Luís de Leon prestou provas para catedrático de Salamanca, foi seu concorrente o grande teólogo português Frei Heitor Pinto, e, se é certo que ao eminente frade agostinho veio a caber a cátedra, nao é menos certo que o frade português saíu engrandecido do prélio gigantesco, que dera a medida do estímulo fecundo dos intelectuais dos dois países, sempre na base duma ciência peninsular.

A Escola de Sagres, do Infante Navegador, criou uma ciência náutica, e tôda a teoria de cartógrafos, cosmógrafos e matemáticos fêz—por ela—deslocar para a Península o maior centro europeu das ciências exactas.

Jaime de Maillorca, célebre cosmógrafo espanhol, era chamado a Portugal e, quando, mais tarde, êsse modêlo de governante a quem a Rainha católica, chamara *um homem*—D. Joao II, o Príncipe Perfeito—, instituia em Lisboa a Junta da Matemática, logo lá iria ensinar o grande Zacuto, professor de Salamanca e célebre autor do Almanaque Perpétuo dos Tempos. A tradiçao dêsses estudos manteve-se e generalizara-se a gôsto pela sua cultura, dado o ambiente extremamente favorável e a inteligente protecçao da côrte, até que, mais tarde, com Pedro Nunes, tivera o claustro universitário de Coimbra o primeiro matemático português. Foi cosmógrafo de D. Joao III e de D. Sebastiao, aquêle Rei-moço que, ao imolar nas areias escaldantes de Alcacer Kibir a juventude portuguesa a uma ânsia imperial, sonhava com o Império de África para Portugal e para Cristo. De tal maneira a sua aventura surgira do fundo da alma nacional, que se gerara o *mito sebástico* e se esperava a vinda do Rei, sôbre o qual a morte nao teria tido poder, e que voltaria, numa manha de nevoeiro, para suster a decadência da Pátria.

Pedro Nunes, escrevera alguns trabalhos em castelhano, e vertera, êle próprio, outros, primitivamente escritos em português. Dêsses, o mais importante, pela influência exercida na Europa, foi a seu livro de Álge-

bra, Aritmética e Geometria. Ao traduzi-lo para caltelhano, colaborara assim, o genial inventor do *nónio*, nesse período de bi-lingüismo, característico daquela época e pelo qual se pode considerar Gil Vicente—Mestre Gil, lavrante de versos e de ouro—como tendo sido um dos criadores do teatro espanhol.

Camoes, o novo Virgilio, o cantor das glórias portuguesas, fôra também clássico espanhol. E, como êle, Rodrigues Lobo e Francisco Manuel de Melo, e tantos outros, cultivaram as duas línguas, o que, erradamente, tem sido considerado como menosprêzo do idioma pátrio, quando mais nao era do que a máxima expressao dum colaboracionismo tendente à formaçaó dum pensamento peninsular. É que, na dualidade de naçoes, cabia ao castelhano a primasia no ponto de vista da irradiaçao espiritual pela Europa, como ao português competia o lugar primeiro na difusao do pensamento da península por terras de Além Mar. E assim, S. Francisco Xavier—o *divino impaciente* da Navarra—, prègava no Oriente, no longínquo Japao, e o Padre Anchieta—essa águia levantada para o púlpito de Deus na ilha pedregosa de Tenerife—evangelizava no Brasil, inteiramente integrados na obra missionária portuguesa.

Na Arte, além de outros, os portugueses Francisco Sanches Coelho e Cláudio Coelho, foram grandes pintores em Espanha e é conhecida a influência, na técnica do retrato, exercida pelo português Nuno Gonçalves sôbre *Greco,* o mago artista grego que, em total absorçao, o génio da Espanha transformara no maior pintor espanhol.

Diferenciados também, mas complementares, foram os temperamentos literários dos dois povos. Os portugueses deram—é certo—à Humanidade, uma das suas maiores epopeias, *os Lusíadas,* mas, dum modo geral, o nosso lirismo inato contrastava com a *gesta heróica* de Castela e assim, compúnhamos o *Amadis de Gaula,* quando em Espanha se escreviam os cantares de *Mio Cid.* Mas, nesse aspecto, a diferenciaçao era ainda creadora de obra comum, pois os nossos romances de cavalaria, *Amadis* e *Palmeirim de Inglaterra,* constituiram o *substractum* que, transportado para a Alma espanhola, seria caldeado pelo seu génio e viria a dar a novela pícara do século XVII e, antes, com seu fundo transcendentemente trágico, êsse estupendo livro universal: o *Don Quixote de La Mancha!*

Excmos. Senhores Congressistas: Mais um Congresso luso-espanhol: mais um elo da nossa colaboraçao de séculos. Pelo jôgo funesto das forças do mal, ou pelo comando diabólico do êrro, algumas vezes essa cadeia se quebrou. Sempre que assim foi, nos diminuímos no mundo. Ao contrário, a grandeza de cada uma incrementára—por compartici-

paçao natural numa mesma mercê de Deus—a grandeza da outra Naçao. A nossa formaçao católica fêz-nos ver no solo peninsular a *testa de ponte* duma grande ofensiva espiritual que lançáramos pelo mundo.

Temos uma vocaçao providencial, temos uma civilizaçao, temos uma cultura!

Vencemos os Mares e um Continente é filho nosso!

—Seremos eternos!